

FIGURAÇÃO EU-NÓS CONFLUÊNCIA.... RETOMADA ANCESTRAL: ESCREVIVÊNCIAS PAYAYÁ

FIGURATION I-WE CONFLUENCE.... ANCESTRAL RECOVERY: PAYAYÁ SCRIPTURES

FIGURACIÓN YO-NOSOTROS.... CONFLUENCIA.... RECUPERACIÓN ANCESTRAL:
ESCRITURAS PAYAYÁ

Márcia Maria Gonçalves de Oliveira¹

 <https://orcid.org/009-0004-8143-224X>

IFBA/Campus Valença, Bahia, Brasil

e-mail: marcia.goncalves@ifba.edu.br

Magda Sarat²

 <https://orcid.org/0000-0002-9388-0902>

Dourados, Mato Grosso do Sul, MS, Brasil

e-mail: magdaoliveira@ufgd.edu.br

Resumo

O presente ensaio conflui os que, como eu, vivenciam a reconstrução de si por meio da assunção da ancestral ascendência indígena, quilombola, cigana, caiçara, ribeirinhas, sertaneja. Como ensina Nego Bispo, “nem tudo se ajunta”. A essa leitura se ajuntarão os que estão dispostos e disponíveis a reconhecer as civilidades afroameríndias que nos compõem e por meio das quais reconhecemos em gentitudes. Para não responder pergunto de si para si em espiral retórica sobre o que confluuiu/confluiu reencontro ancestral Payayá.

Palavras-Chaves: Figuração; Confluência; Retomada Ancestral; Payayá.

Abstract

The present essay brings together those who, like me, experience the reconstruction of themselves through the assumption of ancestral ancestry: indigenous, quilombola, gypsy, caiçara, riverside, sertaneja. As Nego Bispo teaches, “Not everything fits together”. This reading will be joined by those who are willing and available to recognize the Afro-Amerindian civilities that makeup us and through which we recognize in gentitudes. In order not to answer, I ask myself in a rhetorical spiral about what converged/converged on the ancestral Payayá reunion.

Keywords: Figuration; Confluence; Ancestral Return; Payaya.

Resumen

Este ensayo reúne a quienes, como yo, experimentan la reconstrucción de sí mismos a través de la asunción de una ascendencia ancestral: indígenas, quilombolas, gitanos, caiçara, ribereños, sertanejas. Como enseña Nego Bispo, “no todo encaja”. A esta lectura se unirán quienes estén dispuestos y disponibles para reconocer las civilidades afroamericanas que nos conforman y a través de las cuales nos reconocemos en las gentitudes. Para no responder, me pregunto en una espiral retórica sobre qué convergió/convergió en el reencuentro ancestral Payayá.

Palabras clave: Figuración; Confluencia; Retorno Ancestral; Payaya.

¹ Mestre em Educação e Contemporaneidade; Especialista em Filosofia, Estudos Culturais e Pesquisa em Educação e Política do Planejamento Pedagógico: currículo, didática e avaliação.

² Pós-doutorado pela Universidade de Buenos Aires/UBA (2014). Pós-doutorado na Universidade Federal de Mato Grosso UFMT pelo Programa PNPd/CAPES. Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba. Professora titular da Faculdade de Educação na Universidade Federal da Grande Dourados.

(...) a lei que rege a relação de convivência entres os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se ajunta se mistura, ou seja, nada é igual (Bispo, 2015, p. 89).

FIGURAÇÕES EU-NÓS E SUAS CONFLUÊNCIAS

A despeito do extermínio colonial e republicano aos povos indígenas, do esgarçamento do tecido social das aldeias, da gentrificação dos territórios a confluência, enquanto força organizadora dos povos e comunidades tradicionais brasileiras, atuou, atua e seguirá atuando na retomada ancestral que dinamiza o levantar das aldeias, a ocupação dos territórios físicos e simbólicos. Ao cunhar o termo confluência³, o líder quilombola Nego Bispo⁴ (2015) nos presenteia com uma sofisticada compreensão sobre as redes de interdependências⁵ em Elias (2006, 1994) e figurações que nos permitem acessar outras civilidades coexistentes e distintas da hegemônica. Sobre Figuração, de forma geral,

busca expressar a ideia de que a) os seres humanos são interdependentes, e apenas podem ser entendidos enquanto tais: suas vidas se desenrolam nas, e em grande parte são moldadas por, figurações sociais que formam uns com os outros; b) as figurações estão continuamente em fluxo, passando por mudanças de ordens diversas - algumas rápidas e efêmeras e outras mais lentas e profundas (Landini, 2005, p. 11).

Figuração é aqui compreendida a partir das relações de interdependência dos sujeitos numa dada formação (Elias, 2006, p. 27).

Relevante pontuar que utilizamos a noção freiriana "gentitude", contrapondo ao sentido tradicional que consta no dicionário, relaciona-se não a indeterminação da quantidade de pessoas, mas com a humanidade, com a condição de ser gente, de experimentar o inacabamento, a inconclusão em busca do ser mais (mais ser) (Streck, Redin & Zitkoski (Orgs.), 2010, p. 193).

Meus passos vêm de longe. Minha história começa quando o primeiro Payayá se reconhece Payayá. Minha ancestral existência remonta a tempos imemoriais quando os colonizadores ainda não haviam ousado nos denominar "outro".

Minha vida começa antes do primeiro Payayá ser violentamente denominado indígena. Sou Payayá e essa ciência conflui em mim saberes e sabenças dos meus encantados: Início-Meio-Início.

A experiência carnal materializada em Márcia Maria Gonçalves de Oliveira passa a existir "na Cabeceira do Rio" no ano de 1974 do tempo eurocentrado do Estado Brasileiro. Nascida em uma família sertaneja do município de Wagner, na Bahia, foram necessários 26 anos para me autodeclarar indígena para uma entrevistadora do Censo para Contagem da População do IBGE.

Nascida na zona rural do município de Wagner, Bahia, a escolarização à qual fui submetida era explicitamente neocolonialista e escamoteadamente confessional, importando lucubrar as afetações que fizeram de mim o que sou: mulher indígena Payayá, pesquisadora contracolonial.

O termo contracolonial, vem sendo desenvolvido pelo quilombola, poeta e escritor Antonio Bispo dos Santos, autor do livro "*Colonização, quilombos: modos e significações*". Para ele, tanto a

³ Nego Bispo (2015, p. 89) é o responsável pela propagação da noção de *confluência*. A confluência "rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento plurista dos povos politeístas".

⁴ Antonio Bispo dos Santos, popularmente conhecido como Nego Bispo, é lavrador, poeta, escritor, professor e ativista político. Militante do Movimento Social Quilombola e pelos direitos à terra, território e água. Morador do Quilombo Saco-Curtume em São João do Piauí. É na infância que inicia a habilidade de traduzir para as cartas os sentimentos, as sabedorias e as vivências dos mais velhos.

⁵ Por Rede de Interdependência compreendemos como as relações sociais em que os indivíduos seguem regras de comportamento e realizam trocas variadas.

decolonialidade como a contracolonialidade têm funções importantes e um conceito não anula o outro.

Conforme suas constatações, ressalta que, “se você foi colonizado e isso incomoda, você vai precisar lutar para se descolonizar e descolonizar os seus. Isso é a função da decolonialidade. Nêgo Bispo, costuma enfatizar sua condição, afirmando-se quilombola e que não sofreu o processo de colonização. Para ele, se passasse por tal condição seria um negro incluído na sociedade brasileira. Por conta dessa sua condição, sempre diz que, “no meu caso, eu tenho que contracolônizar – contrariar o colonialismo. (...) O colonialismo está aí vivente, cada vez mais sofisticado” (2023).

Numa tentativa iniciática de aproximação entre Nêgo Bispo (idem), A. Krenak (2020) e Elias (1994) para pensar de que forma estamos exercitando nossa contracolonialidade; algumas narrativas nessa direção nos leva a crer que, de acordo com o pensamento eliaseano, apesar da complexidade da relação eu-nós; apesar do crescimento em torno da individualização, a identidade - nós fortaleceu-se.

Já Ailton Krenak (ibid), num exercício de comunalidade, explicita nossa cosmovisão ancestral indígena, contrário a essa visão civilizatória de ciência, de modernidade, de tecnologia; lembra que cada movimento que um de nós faz na terra, todos fazemos, todos confluímos, pois não há mais espaço para acreditar que cada um deixa sua pegada individual no mundo.

Ailton Krenak, ressalta ainda que os colonialistas, para justificar as resistências, constrói argumento de que somos preguiçosos, incapazes e que não quisemos nos civilizar. E a partir de argumentos como esses, criam sua religião, “a religião da civilização⁶”. Não importa se passado ou presente. Apesar das mudanças, o plano se repete: “repetem a dança e a coreografia é a mesma” (p. 113), por isso, nos provoca a pensar na inutilidade da vida nos moldes coloniais porque evidencia que estamos desafiados por uma espécie de erosão da vida (ibid, p. 95).

Fruto desse processo de resistência e por quê não dizer, de confluência, um número cada vez crescente de homens e mulheres afrodescendentes e indígenas, tanto daqueles que acessam o mundo acadêmico, quanto aos demais com seus saberes ancestrais vêm construindo, ou melhor, reconstruindo suas histórias através das mais diversas narrativas nesses últimos anos. Encontramos uma diversidade de trabalhos, teses, dissertações, livros, revistas, sites nessa confluência.

Numa rápida busca ao Banco de dissertações e teses defendidas nos últimos cinco anos, encontramos trabalhos produzidos por homens e mulheres narrando a história de seu povo, as lutas e conquistas, as quais foram e são fundamentais para a reescrita de uma outra história. Exemplo desse movimento são os trabalhos de Edilson Fernandes de Souza em torno da *À Luz do Candeeiro* e o *Constructo do “Eu” Fonte* e o de Severino do Ramo Correia em torno da educação enquanto palco (auto)biográfico: o “eu” idêntico de Lepê Correia⁷, ambas, defendidas em 2020 e 2023, respectivamente. Sobre o fortalecimento de nossas identidades, corroboro com as constatações de Edilson F. de Souza, pois, “guardadas as devidas proporções, uma vida, seja ela qual for, a de um analfabeto, grande intelectual, empresário ou celebridade, é sempre única; portanto, é essa unicidade, esse caráter singular, que me possibilita a falar como experiência pessoal, única, e de forma científica” (Souza, 2020, p. 25).

Sobre a capacidade de autoanálise, Norbert Elias (1994, p. 156), nos permite identificar mudanças na balança eu-nós, destacando a capacidade de produção do que batizou de efeito especular. Para ele, esse efeito se materializa na “capacidade de o indivíduo sair de si mesmo e confrontar, de modo que conseguem ver-se como que no espelho de sua consciência”. Lembra que é necessário “pensar o indivíduo a partir da multidão e que pensar em termos de configuração, exige um nível de distanciamento em relação a si mesmo que, em sua essência, ainda não foi atingido” (p. 21).

⁶ Para o sociólogo alemão, o “processo civilizador” se constitui mudança de conduta e sentimentos humanos rumo à *civilização*. *Por civilização*, mudança de conduta e sentimentos humanos rumo à *civilização* (Elias, 1993, p. 193).

⁷ Correia, S. R. (2023). *A Educação Enquanto Palco (Auto)Biográfico: O “Eu” Idêntico de Lepê Correia*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Recife (No prelo).

É nessa figuração, tecida por confluências comunal que nos últimos anos, vimos acompanhando uma produção crescente e qualitativa de indígenas mulheres, em especial, daquelas que acessaram os espaços formais de educação. Dentre algumas dezenas, destaque para os trabalhos de Mirna Kambeba Omágua-Yetê Anaquiri, a dissertação defendida no ano de 2017, *Que Memórias me Atravessam? Meu percurso de estudante indígena e sua tese, Venho do Povo das Águas: Uma Travessia Autobiográfica nas Culturas Indígenas e Formação Docente*, defendida no ano de 2022. Ambos, tratam de si e de nossos antepassados, os anciãos e anciãs, as sabenças e os processos individuais e coletivos de resistência.

A tese, de modo geral, trata-se de um trabalho autobiográfico, uma narrativa sobre as experiências de mulher indígena, feminista, professora, pesquisadora, artista e ativista do movimento indígena, pertencente aos povos originários Kambeba Omágua-Yetê, oriundos do estado do Amazonas. Para a construção da tese, Mirna Anaquiri constrói uma metáfora em torno de elementos ancestrais como o rio, as águas e suas principais referências ancestrais.

Um outro trabalho em destaque é *Vivências Diversas: uma coletânea de indígenas mulheres* (2020). Neste livro, Rosi Waikhon, Alcineide M. Cordeiro, Manuele P. Serra, Suliete G. Monteiro, Elisa U. Ramos, Joziélia D. Kaingang, Inara do N. Tavares, Dandara da C. Feitosa, Diádney H. de Almeida e Braulina Baniwa, narram suas histórias cruzadas pelas experiências do mundo acadêmico e da aldeia para promover vozes indígenas em confluência com seus pensamentos teóricos e memória ancestral. Este projeto, é a materialização da luta pela demarcação do território na escrita, da luta pela igualdade e visibilidade num país que insiste em invisibilizar e silenciar, não somente essas jovens mulheres, mas, todos, todas aqueles, aquelas vidas teimosas; seguindo a máxima repetida pela escritora negra, Conceição Evaristo, “eles combinaram de apagar a nossa história, mas nós combinamos de não esquecer”.

Numa outra perspectiva de experiência, a ativista indígena guatemalteca do grupo étnico Quiché-Maia, Rigoberta Menchú Tum, ganhadora do Nobel da Paz em 1992, narrou sua vida de luta em prol dos direitos humanos dos povos indígenas e a construção de sua consciência política em sua obra, *Me Chamo Rigoberta Menchu: assim nasceu a minha consciência* (1993). Trata-se de uma narrativa mediada pela etnóloga venezuelana Elizabeth Burgos Debray. Nessa obra, a ativista indígena expõe sua luta e negação de escolarização; seus relatos retratam sua infância, marcada por pobreza, trabalho escravo e violência, entre outras questões. Sua narrativa põe em xeque ainda, não somente as condições de pobreza e exploração que viveu com sua família, mas, infelizmente, de todos os povos indígenas guatemaltecos. Além disso, destaca o processo civilizador espanhol, marcado por genocídio e etnocídio, bem como sua relação com a igreja católica na Guatemala.

A leitura dessa obra, possibilitou observar semelhança entre os problemas que afligem os povos indígenas nas Américas. Importante perceber a luta diária, marcada por violências entre indígenas e ladinos. Esse termo se refere aos mestiços, consequência da colonização e miscigenação de espanhóis com indígena.

Tanto indígenas quanto ladinos empobrecidos sofreram as consequências da violenta diferença construída a partir do projeto colonial ainda em curso.

A análise das obras referenciadas acima, põe em evidência que minha, a nossa historicidade, nosso processo de crescimento até a idade adulta permite-nos uma compreensão do que é a sociedade, porque, “a forma individual do adulto é específica de cada sociedade” (idem). É essa compreensão que temos quando Rigoberta Menchú narra sua história e como construiu a sua consciência na sociedade guatemalteca. Nesse sentido, observo que a identidade-eu se junta às identidades-nós, de indígenas mulheres que apesar das marcas das mais diversas formas de violências, se constroem, se reconstruem através de uma invocação ancestral que A. Krenak diz ser educativa (2022, p. 96).

Esses encontros ou reencontros, os nossos processos de retomada, de tomada de consciência dos efeitos nefastos da religião da civilização que A. Krenak pontua, não são vistos de forma pacífica.

Para o ativista e escritor indígena, quando a gente se reencontra, há uma espécie de ira por não termos permanecidos fiéis a projeto de conversão imposto (2020, p. 115).

Ao longo do processo de retomada, constato que não estou sozinha no mundo, sou uma mulher com passado e presente. Afinal, me constituí e me constituo a partir de uma rede de pessoas que existiram antes de mim, as quais mantive e mantenho relações até aqui.

Me reconheço pertencente ao povo Payayá, um grupo étnico da família linguística Kariri, do tronco Macro-Jê que habita a região da Chapada Diamantina, na Bahia.

Jamile da Silva Lima (Jamile Payayá), defendeu no ano de 2019 sua tese de doutorado e destaca que os Payayá são um povo que foi violentamente massacrado e vilipendiado pelo esforço de colonização do interior do Brasil. O sentido exterminador e irremissível do imperialismo colonial, manifesto desde o século XVI, os obrigou ao silenciamento e à negação de sua condição indígena, como única via de escapar de um fim alcantil. Os Payayá conviveram em absconso, durante muitos anos, com o decreto de seu aniquilamento, fundamentado por uma ampla literatura.

Ainda nesse seu estudo, faz uma breve historicização do processo de retomada iniciado na década de 1990, a partir de um movimento germinado no Povoado da Cabeceira do Rio, no município de Utinga – Bahia e que passaram a lutar pelo direito de afirmação e respeito a sua identidade. Esse movimento conseguiu, no ano de 2012, a certificação de sua identidade indígena, emitida pela Fundação Nacional do Índio, a Funai e, desde 2019, receberam do Estado da Bahia a primeira porção de seu território (p. 27-28). Um movimento confluyente de processo de retomada acontece nesse período. Após meu reconhecimento, passei a me declarar indígena no Censo Demográfico do ano 2000.

É nessa rede que reafirmo ser mulher sertaneja, resistência que carrega cicatriz da vida, das andanças, das lutas de todo os dias. Sou mais uma de tantas mulheres guerreiras que não abandonou seus ancestrais que nos fizeram e nos fazem resistir até aqui. Sou filha de todos e todas que habitam “Yapira”, Cabeceira do Rio, Itacira, Ponte Nova, Wagner, Bahia na Chapada Diamantina, Bahia.

E no movimento de inconclusão, reafirmo que me (des)cubro, me encontro, me (re)encontro ancestre Payayá, ouvindo e seguindo as vozes dos que se foram e dos que comigo aqui estão, desde criança. Ouvir e rememorar tal afirmativa passou a ter significado a partir do momento em que passei a me perceber como parte dessa história, a “história dos vencidos” que até a atualidade insistem em nos negar, em nos exterminar. Seguindo o mesmo raciocínio de Nêgo Bispo (2023), compreendi que “a grande causa das maiores mazelas que nós temos no mundo hoje é o colonialismo. Se você tem um veneno, você precisa ter o antídoto – o contracolonialismo!”.

A opção pela narrativa de si por meio de cartas, constitui um exercício de escrevivência de uma história, agora, contada por uma de tantas mulheres em retomada, conforme vem sendo reproduzido amplamente e fruto de debates nos mais variados espaços, o Brasil é indígena!

Ao que tudo indica, os processos de escolarização, bem como as diversas relações sociais, forjados nos moldes eurocêtricos e implementadas mediante a execução de um projeto de genocídio e etnocídio; imposto a nós até agora; dificulta sermos nós mesmas, nós mesmos.

Aqui compreendendo que “o avanço das funções da civilização” nos conduz a alimentar o sentimento de que para manter nossa posição nas redes humanas é preciso silenciar e até mesmo negar a nossa “verdadeira natureza”. Afinal, somos “impelidos pela estrutura social a violentar a nossa “verdade interior”, a nos transformar naquilo que realmente queriam vir a ser” (Elias, 1994, p. 33).

Ante o exposto e refletindo elisianamente sobre as condições as quais vivenciei e vivencio ao longo desses anos, entendido como um processo que acaba por separar corpo, mente e olhar; sobre a capacidade de confinamento em algumas áreas da vida, “pensamos e observamos sem sair do lugar” em sua obra Sociedade dos Indivíduos (1994) ele faz uma comparação com a metáfora das parábolas das estátuas pensantes e diz:

As estátuas veem o mundo e formam concepções dele, mas lhes é negado o movimento do membro. São feitas de mármore. Seus olhos veem e elas são capazes de pensar no que veem, mas não podem ir até lá. Suas pernas não podem andar nem suas mãos segurar. Elas olham de fora para o interior de um mundo, ou de dentro para um mundo lá fora – como quer que se prefira formulá-lo -, um mundo sempre separado delas (1994, p.100).

Se pensamos nessa metáfora podemos observar sob vários aspectos os modos como nós povos originários sempre fomos tratados nesse país, as lutas para existir e resistir ao extermínio. Mas, diferente das questões coletivas, exercito um olhar mais próximo, mais “de dentro” a tentativa é ver de perto a partir da história de um indivíduo. Por isso, venho fazendo exercício sobre a possibilidade da autobiografia nos proporcionar um exercício contrário, ao evidenciar figurações vivenciadas entre os mundos “internos” e “externo”, entre eu e eu, e entre eu e nós.

Como venho apontando, diversos grupos têm expressado cada dia o desejo de recuperar o patrimônio civilizatório ancestral, nossa diversidade e para isso, temos nos aventurado, no espaço acadêmico que cada vez mais tem sido forçado a nos receber. Um outro exemplo desse movimento de narrativa de retomada ancestral é o movimento do grupo do Rio Grande do Norte, culturas cabocas. Um espaço virtual, incluída recentemente. Além das narrativas de Rigoberta Menchú, Mirna K. Anaquiri e tantas outras.

Nas cartas, escritas em construção sobre as figurações de meu percurso de escolarização e atuação social, mesmo que de maneira intempestiva, apontam que tensões vivenciadas e proibições sociais, por mim internalizadas, me conduziram para um possível autocontrole cotidianamente com fortes indícios de repressão de impulsos espontâneos, nos diversos espaços sociais, especialmente no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

- Baniwa, B., Kaingang, J., & Tremembé, L. (2020). *Vivências Diversas: uma coletânea de indígenas mulheres*. 1ª edição. São Paulo: Hucitec.
- Brasil, Ministério dos Povos Indígenas, MPI (2023). *Dados do Censo 2022 revelam que o Brasil tem 1,7 milhão de indígenas*.
<https://cltlivre.com.br/blog/respostas/como-fazer-referencia-desite.html#:~:text=Ao%20fazer%20uma%20refer%C3%Aancia%20de,Por%20exemplo%3A%2004%20abr%202023>
- Bispo, A. (2015). *Colonização, Quilombos, Modos e Significados*. CNPq Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação - MCTI: Brasília.
- Bispo, A. (2023). *O Que é Contracolonial e Qual a Diferença em Relação ao Pensamento Decolonial?* Instituto Claro Educação.
<https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/podcasts/o-que-e-contra-colonial-e-qual-a-diferenca-em-relacao-ao-pensamento-decolonial/>
- Burgos-Debray, E., & Menchú, R. (1993). *Meu Nome é Rigoberta Menchú: e assim nasceu a minha consciência*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Elias, N. (1998). *Sobre o Tempo*. Editado por Michael Schröter. Tradução Vera Ribeiro. Revisão técnica Andrea Daher. Rio de Janeiro: Zahar.

- Elias, N. (1993). O processo civilizador: formação do Estado e civilização. Tradução, Ruy Jungmann; Revisão e apresentação, Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. v. 2.
- Elias, N. (1994). O processo civilizador: uma história dos costumes. Tradução, Ruy Jungmann; Revisão e apresentação, Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. v. 1.
- Elias, N. (1994). A Sociedade dos Indivíduos. Tradução de Vera Ribeiro; revisão técnica e nota de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Elias, N. (2006). Escritos & Ensaio: Estado, processo, opinião pública. Org. Frederico Neiburg e Leopoldo Waizbort. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Krenak, A. (2020). A vida não é útil. (1ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2022). Futuro Ancestral. (1ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Landini, T. S. (2005). A sociologia Processual de Norbert Elias. In IX Simpósio Internacional Processo Civilizador - Tecnologia e Civilização. Ponta Grossa, Paraná.
http://www.pg.cefetpr.br/ppgep/Ebook/cd_Simpósio/artigos/ mesa_debates/art27.pdf
- Lima, J. da S. (2019). O sentido geográfico da identidade: metafenomenologia da alteridade. [Tese de doutorado - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. Campinas, SP].
- Moraes, M. G. O. (2008). Educação e missão civilizatória: o caso do Instituto Ponte Nova na Chapada Diamantina. [Dissertação de Mestrado - Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação - Campus I, Salvador, Bahia].
- Souza, E. F. de (2020). À Luz do Candeeiro e o Constructo do “Eu”. Fonte: Educação pela Arte, Ciência e Política. [Tese de Doutorado apresentada ao Centro de Ciências da Saúde para promoção ao cargo de Professor Titular da UFPE, aprovada em 15/07/2020, Recife -PE].
- Souza, E. C. (2007). (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In Nascimento, A. D., & Hetkowski, T. M. (Orgs.) Memória e formação de professores [online]. Salvador: EDUFBA, 310 p. ISBN 978-85-232-0484-6. Available from SciELO Books.://books.scielo.org. Streck, D, R., Rendín, E., Zitkoski, J. J. (Orgs.). (2010) - 2ª edição, revisada e ampliada. Autêntica Editora, Belo Horizonte.